

A PAISAGEM DO TRABALHO

ANTONIO APARECIDO FABIANO JUNIOR, GUILHERME MOREIRA PETRELLA

Quando se inicia este pequeno texto com a expressão “a paisagem do trabalho”, busca-se iluminar de imediato três questões que são suscitadas pelos desenhos de Antonio Fabiano Jr. Primeira, da paisagem do trabalho enquanto se desenha e representa algum espaço real ou imaginário, panorama ou vista que contém e experimenta narrativas e ficções; segunda, da paisagem do trabalho enquanto o território de atuação do Antonio como pesquisador e professor, resultantes de uma ação política, técnica, estética, do fazer arquitetura e urbanismo; e, terceira, a paisagem do trabalho enquanto lugar de manifestação espacial da classe trabalhadora, suas casas, equipamentos, serviços, infraestruturas, em suma, o território da “reprodução da força de trabalho” e suas múltiplas experiências e concepções de vida.

Esta dimensão assim exposta de forma dual, de “paisagem” e de “trabalho”, se desdobra. Inicialmente com relação à própria expressão “paisagem”, que decorre, na língua francesa, de “*paysage*”, de “*pays-agir*”. A expressão *pays* denota a ideia de nação, estado, região, que se encontra, na figura do *agir*, com a ideia de ação, de ato. Assim, percebe-se que a dimensão espacial da paisagem (região, aldeia) é apreendida como panorama, da vista e do espetáculo, a partir da ação sobre o espaço, sobre o “território”: o agir sobre a nação (*pays agir*). Da paisagem deriva-se para a noção de que *pays, ville, cité*, são percebidos como resultados espaciais da ação do trabalho sobre a natureza. Imbricando os termos paisagem e trabalho antes apresentados de forma dual. Nessa ação, a luz sobre o hábito, o habitante, a habitação, constituintes da história.

Em seguida, a “paisagem do trabalho” relaciona a história e a natureza. A natureza, porém, também é um duplo imbricado: como exterior aos corpos individuais e os corpos propriamente ditos. Sua transformação, como paisagem, é o momento da constituição da humanidade (ainda que se deprende com diversas manifestações de desumanização da natureza, os desastres ambientais). Portanto, se é e não se é natureza; implica-se o trabalho e a história. A história do sujeito. Ao produzirmos e experimentarmos produção e os produtos, se pode interpretar essa experiência e, assim, ela pode ser narrada e reproduzida: representada e apresentada. Uma experiência que assim se constitui no próprio indivíduo e se desdobra como eventual experiência para o “outro”. O “eu” e o “outro” relacionados constitui o “ser social”, que se reconhece nessa relação.

Paisagem, deste modo, já é trabalho em sua essência. Uma indissociabilidade. Meio e processo da existência, da representação do ausente e da presença efetiva, real e imaginária, verdadeira e fictícia. Nesse sentido, a ação sobre a nação, constituinte de



um território (unidade socioespacial que inclui a disputa e a guerra), não se resume à sua unidade decorrente da administração pública. Mas, como o território que de algum modo identifica a partir de uma unidade diferenciada e pelo conflito, construídos a partir do trabalho e do reconhecimento do outro.

A “paisagem do trabalho” em questão é a periferia de São Paulo, particularmente a Vila Bela (*Belle Ville?*) localizada na Zona Leste da cidade. Os desenhos apresentados fazem parte do entendimento do inacabamento desse bairro e da própria cidade e esse inacabamento aparece como uma condição que demanda ação. Aí reside a beleza do inacabamento da cidade: a contínua possibilidade de produção da humanidade, pelo trabalho sobre a natureza, pela paisagem da história. Pela superação das mazelas e misérias. Essa periferia, vista como uma “paisagem longínqua”, se assemelha a diversas outras manifestações desta forma de produção do espaço. Pode-se dizer que suas imagens são quase sempre as mesmas. Um entendimento que é ao mesmo tempo particular, individualizado e homogêneo, indiferenciado.

Esses desenhos se apresentam como fragmentos de uma experiência, vivida, concebida e percebida, daqueles três níveis de “paisagem do trabalho”. Justapõem escalas diferentes, ruas, detalhes, questões urbanas; que são analisados e representados a partir da técnica do desenho, como expressão plástica e como reflexão crítica. Relaciona a massa de cor da aquarela, homogênea e indiferenciada, ao traço preciso e individualizado do nanquim. A massa da aquarela resulta de uma técnica de desenho que promove o descontrolado-controlado de sua região, da expansão de seu pigmento. Ela se mistura a ela mesma, enquanto manchas de aquarela sobrepostas, e ao seu outro, o nanquim, definindo e definindo individualidades e particularidades, formadas pelo traço, pela linha, pelo risco. O risco é uma aposta na experiência, no movimento que se desdobra sem se saber de princípio seus resultados. O descontrolado a partir do controle. O erro e a dúvida como momentos constituintes, mas, também, com a virtualidade de se chegar ao novo, ao outro, ao diferente a partir do mesmo e do dominado, do já conhecido. O risco engendrado pelo traço, da luta pelo reconhecimento: ser-si-mesmo em um outro.

A massa e a individualidade se apresentam, portanto, como dialética entre o coletivo e o individual, em uma existência recíproca, um com relação ao outro, experimentados pelo desenho como um ato estético e político (“est-ético, est-h-ét(h)ique”: estética é ética, é política). Reapresenta uma luz sobre o sentido da experiência sensível na contemporaneidade, como momento de constituição da individualidade em relação ao coletivo e social e da constituição do comum diante da fragmentação do individualismo. Sem o apagamento de um pelo outro, como momentos das extremidades-extremistas do individualismo (neoliberal, pós-moderno, financeiro), e do coletivismo abstrato (estatista, fordista, industrial). Nessa dialética, explicita-se também a necessária condição do conflito, tanto nas experiências concretas dessas periferias, cotidianas e urbanas, quanto na formação dos conceitos, a forma e a estética, razão que se medeia pela experiência sensível do próprio sujeito que pensa e age. “Penso, desenho, logo existo”.

Nestes desenhos, a aquarela e o nanquim também fazem uma remissão à presença-ausência da água e dos pigmentos (terra). Analogia possível entre a condição ambiental destas áreas da cidade que são constituídas pela ausência ou precariedade das infraestruturas: a falta de saneamento, a falta de pavimentação. Os desenhos afirmam a representação de uma ausência; e a mera presença destas condições urbanas precárias — não-urbanas, antiurbanas —, revelam “em si” a precariedade da urbanidade como um todo, em geral, como um conquista possível-impossível de toda a sociedade. Diante desta ação, o indivíduo se desmorona todo. Ante este soterramento, ante esta submersão.

O desenho, portanto, se realiza, ele se torna real, como exercício de reflexão e como ato crítico que não se resume à mera condição de “representação” ou “ilustração” irrefletidas. Ele reflete e põe à luz o que está ausente a partir do reconhecimento da história e da natureza, como paisagem do trabalho, e do devir, o futuro, o projeto que nasce da experiência. Pode-se até dizer que emerge do figurativo e concreto territorial e avança ao abstrato, ao conceito, à dimensão estética da forma.

São Paulo, início da primavera de 2018.

NOTAS

As legendas são dados do Relatório de 2017 “*A distância que nos une*”, da OXFAM Brasil (OXFAM, 2017).

Todos os desenhos foram feitos em 2018 para a “Oculum Ensaios”.

REFERÊNCIA

OXFAM. *A distância que nos une*: um retrato das desigualdades brasileiras. São Paulo: Oxfam Brasil, 2017. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/sites/default/files/arquivos/Relatorio_A_distancia_que_nos_une.pdf>. Acesso em: 23 set. 2018.

ANTONIO APARECIDO FABIANO JUNIOR [DESENHOS] | ORCID iD: 0000-0003-0342-5488 | Pontifícia Universidade Católica de Campinas | Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologia | Faculdade de Arquitetura e Urbanismo | Rua Professor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516, Parque Rural Fazenda Santa Cândida, 13087-571, Campinas, SP, Brasil | Correspondência para/*Correspondence to*: A.A. FABIANO JUNIOR | *E-mail*: <antoniofabianojr@gmail.com>.

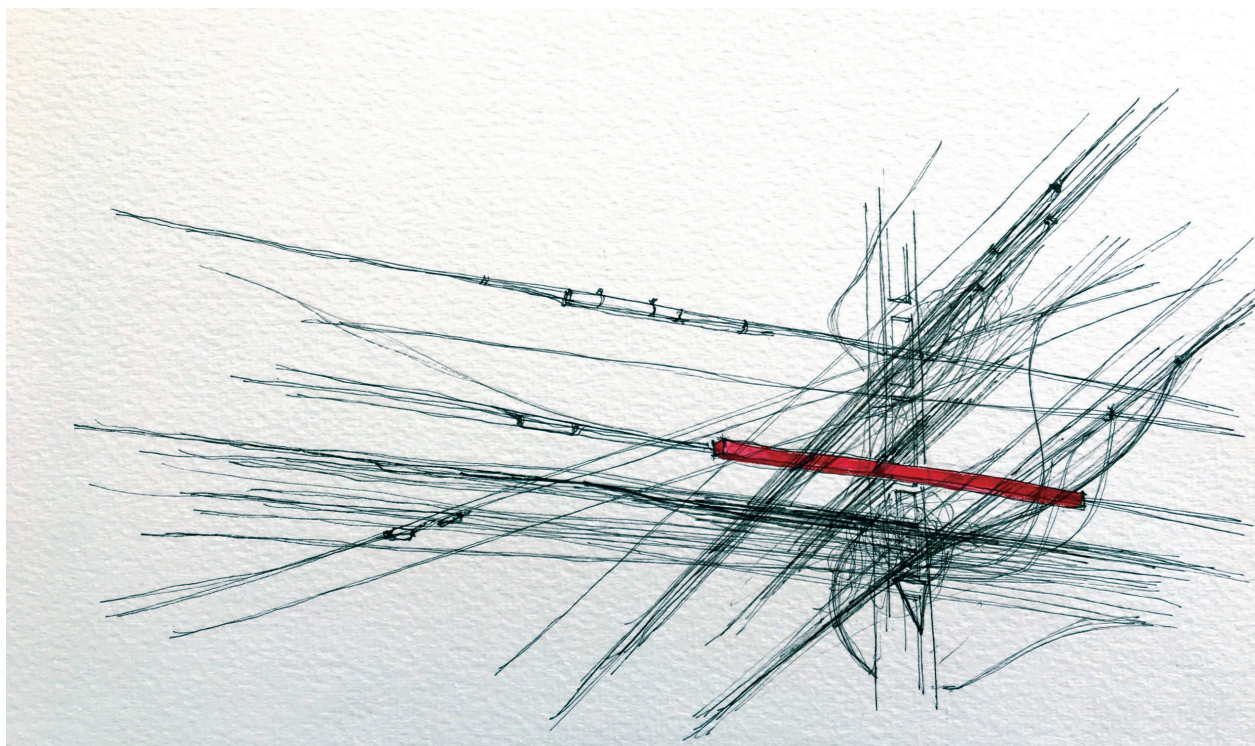
GUILHERME MOREIRA PETRELLA | ORCID iD: 0000-0003-3882-2109 | Universidade Federal de São Paulo | Instituto das Cidades | São Paulo, SP, Brasil.

ELABORAÇÃO

A.A. FABIANO JUNIOR colaborou na criação dos desenhos e G.M. PETRELLA na redação do texto.

Como citar este artigo/How to cite this article

FABIANO JUNIOR, A.A.; PETRELLA, G.M. A paisagem do trabalho. *Oculum Ensaios*, v.16, n.1, p.5-19, 2019. <http://dx.doi.org/10.24220/2318-0919v16n1a4369>



O Brasil é o 10º país mais desigual do mundo, num ranking de mais de 140 países. Nanquim e aquarela. 2018.

Brazil is the 10th most unequal country in the world in a ranking that includes more than 140 countries. China ink and watercolour. 2018.

THE LANDSCAPE OF WORK

ANTONIO APARECIDO FABIANO JUNIOR, GUILHERME MOREIRA PETRELLA

This small text begins with the expression “the landscape of work”, which is intended to shed light on three matters that are brought up in the drawings made by Antonio Fabiano Jr. The first matter is the landscape of work as a design or representation of some real or imaginary space, a panorama or view that contains and experiences narratives and fictions. The second matter is the landscape of work as Antonio’s work field as a researcher and professor, which result from his political, technical, aesthetic action, as well as his practice in architecture and urban planning. The third matter is the landscape of work as the spatial manifestation of the working class, their houses, equipment, services, infrastructure and, in summary, the territory of the “reproduction of the work force” and its several experiences and conceptions of life.

This dimension unfolds when it is exposed in this dual form of “landscape” and “work”. At first, it unfolds into the very expression of *landscape*, which — from the French language —, results from “paysage”, or “pays-*agir*”. The expression *pays* denotes the idea of nation, state, region, which is then found in the idea of *agir*, which gives the idea of action or act. Therefore, we can note that the spatial dimension of the landscape (region, village) is apprehended as a panorama, as a view or spectacle, as a result of the action over the space or *territory*: acting on the nation (*pays agir*). The landscape then derives to the notion that *pays*, *ville*, *cité*, as concepts perceived as spatial results of the action of work over nature, involving the terms landscape and work, previously presented in a dual form. In this action, the light sheds over the habit, the inhabitant, and dwelling as constituents of history.

Next, the “landscape of work” correlates history and nature. However, nature is also a term with double implications: exterior to the individual bodies and as the bodies themselves. Its transformation — as landscape —, is the moment of constitution of humanity (even as it faces several manifestations of inhumanization of nature, or environmental disasters). Therefore, it is and it is not nature; work and history are implied. The history of the subject. When we produce and experience production and products, we can interpret that experience and it can thus be narrated and reproduced: represented and presented. An experience that is constituted in the very individual and then unfolds an occasional experience to the “other”. The related “self” and “other” constitute the “social being”, which is recognized in this relation.

Hence, landscape is work in its essence. An undissociability. Means and process of existence, representation of the absent, and effective presence, real and imaginary, real and fictional. In this sense, the action over nation, constituent of a territory (socio-spatial



unit that includes dispute and war), is not restricted to its unit as a result of public administration. But, as the territory that it somehow identifies based on a differentiated unit and on conflict, built with the work and recognition of the other.

The “landscape of work” discussed here is the peripheral region of *São Paulo*, particularly the neighbourhood of *Vila Bela* (*Belle Ville?*), located in the East Zone of the city. The drawings presented herein are part of the understanding of the unfinished aspect of that neighbourhood and the city itself, and such unfinished aspect appears as a condition that demands action. And there resides the beauty of the unfinished aspect of the city: the continuous possibility of production of humanity, through the work over nature, through the landscape of history. Through the overcoming of miseries and negligence. This neighbourhood, seen as a “distant landscape”, is similar to many other manifestations of this form of production of space. One could say that their images are almost always the same. An understanding that is at the same time particular and individualized, while also homogeneous and undifferentiated.

These drawings are depicted as fragments of an experienced that is lived, conceived, and perceived from those three levels of the “landscape of work”. The overlap different scales, streets, details, and urban issues that are analyzed and represented through drawings, as a plastic expression and critic reflection. They relate the colour mass of watercolour — homogeneous and undifferentiated —, to the accurate and individualized lines of China ink. The watercolour mass results from a drawing technique that promotes the controlled loss of control of its region, the expansion of its pigment. It mixes with itself as overlapped stains of watercolour and also mixes with the other, the China ink, defined and defining individualities and particularities created by the lines and sketching. The sketching is a bet in what is experimental, the movement that unfolds with no previous knowledge of its results. Loss of control based on control. The error and doubt as constituent moments, but also with possibility to reach the new, the other, the different based on the same and on what is known and mastered. The line represented by the sketching, the fight for recognition: being oneself in another.

Therefore, the mass and the individuality present themselves as a dialectic between the collective and the individual, in a reciprocal existence, one related to the other, experienced by the drawing as an aesthetic and political act (“aesthetics, est-h-ét(h)ique”: aesthetics is ethics, is politics). This sheds a light on the meaning of the sensitive experience in contemporaneity, as the moment of constitution of individuality as related to the collective and social, and the constitution of the common in face of the fragmentation of individualism. Without the obliteration of one by other, as moments of extremist-extremities of individualism (neoliberal, post-modern, financial), and the abstract collectivism (statist, Fordist, industrial). This dialectics also explains the necessary condition of conflict, both in the concrete experience of these peripheral neighbourhoods, daily and urban, as in the formation of concepts, form and aesthetics, a reason that is permeated by the sensitive experience of the very subject that thinks and acts. “I think, I draw, therefore I exist”.

In these drawings, the watercolour and the China ink also refer to the presence-absence of water and pigments (earth). A possible analogy between the environmental condition of these areas of the city that are constituted by the absence or precariousness of infrastructure is the lack of sanitation and paving. The drawings affirm the representation of an absence, and the mere presence of these precarious urban conditions — non-urban, anti-urban —, reveal “in itself” the precariousness of the urbanity as a whole, in general, as a possible-impossible accomplishment of the whole society. In face of this action, the individual is fully dismantled. In view of this landslide, this submersion.

Therefore, the drawing materializes and becomes real as an exercise of reflection and a as a critical action that is not restricted to the mere condition of unreflected “representation” or “illustration”. It reflects and exposes what is absent by recognizing the history and nature as the landscape of work, the future, the project that is born from the experience. One might also say that it emerges from the figurative and the territorial concrete and advances toward the abstract, the concept, the aesthetic dimension of the form.

São Paulo, early Spring of 2018.

NOTES

The data described in the captions were obtained from the 2017 Report “The distance that unites us”, by OXFAM Brasil (OXFAM, 2017).

All drawings were made in 2018 for “Oculum Ensaios”.

REFERENCE

OXFAM. *A distância que nos une: um retrato das desigualdades brasileiras*. São Paulo: Oxfam Brasil, 2017. Available from: <https://www.oxfam.org.br/sites/default/files/arquivos/Relatorio_A_distancia_que_nos_une.pdf>. Cited: Sept. 23, 2018.

ANTONIO APARECIDO FABIANO JUNIOR [DESENHOS] | ORCID iD: 0000-0003-0342-5488 | Pontifícia Universidade Católica de Campinas | Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologia | Faculdade de Arquitetura e Urbanismo | Rua Professor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516, Parque Rural Fazenda Santa Cândida, 13087-571, Campinas, SP, Brasil | Correspondência para/Correspondence to: A.A. FABIANO JUNIOR | E-mail: <antoniofabianojr@gmail.com>.

GUILHERME MOREIRA PETRELLA | ORCID iD: 0000-0003-3882-2109 | Universidade Federal de São Paulo | Instituto das Cidades | São Paulo, SP, Brasil.

ELABORATION

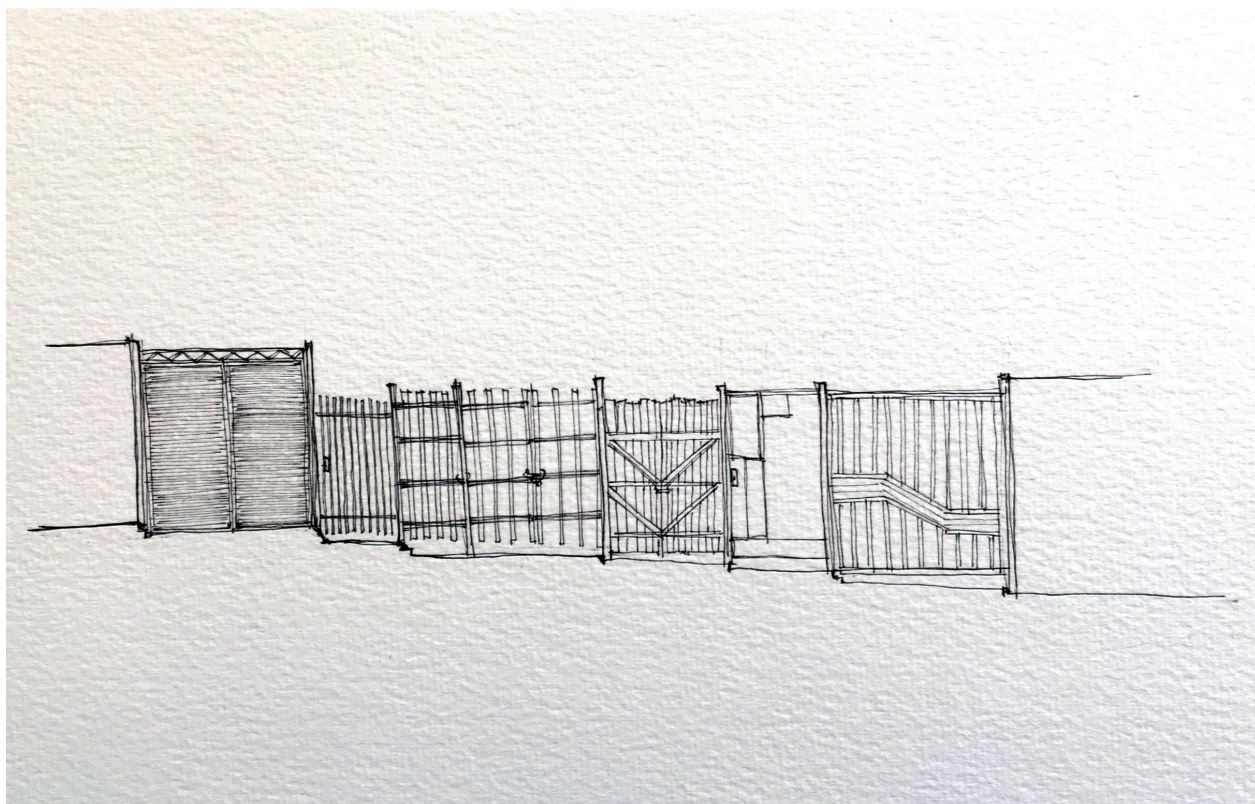
A.A. FABIANO JUNIOR contributed in the creation of the drawings and G.M. PETRELLA contributed in the writing of the text.

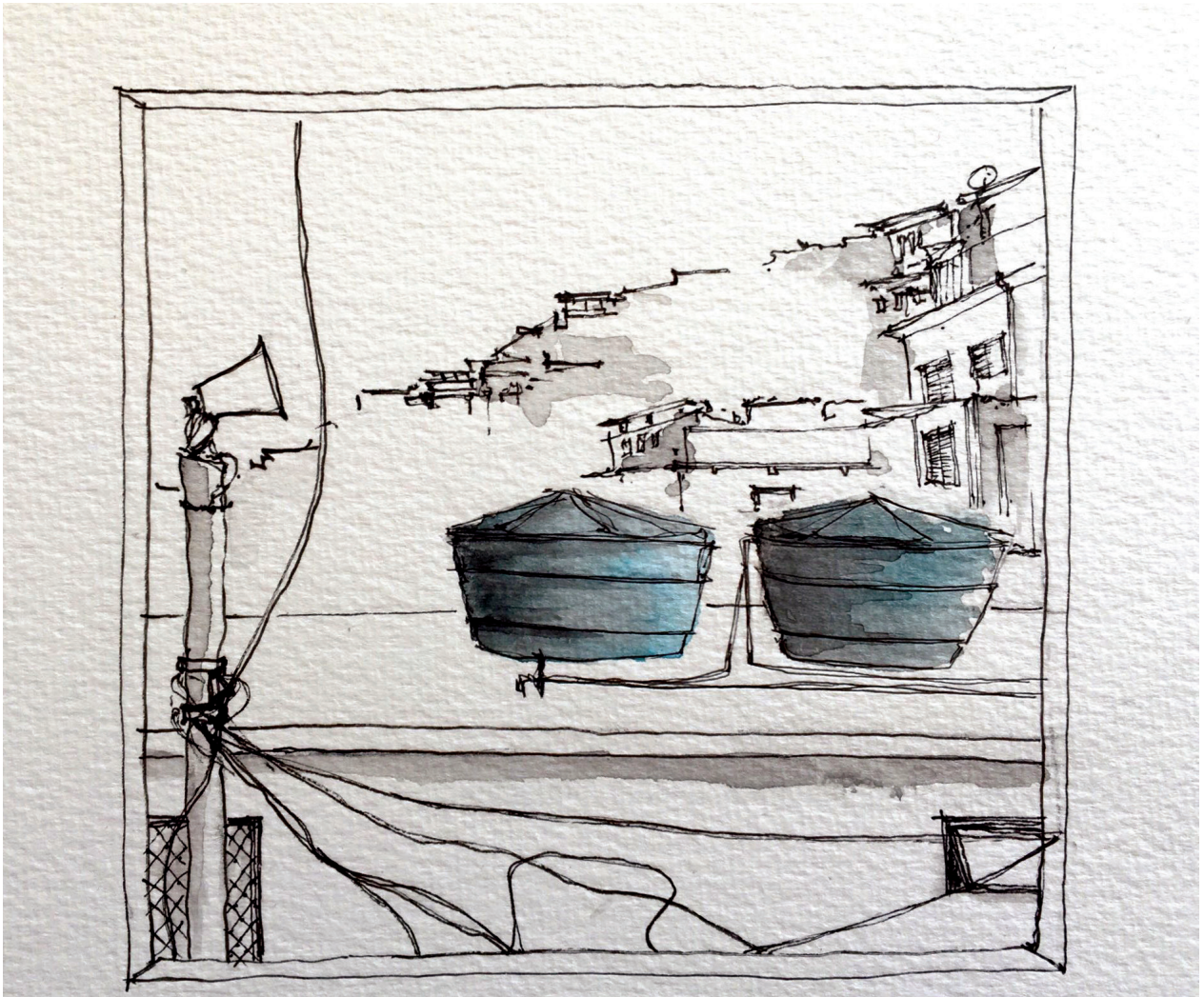
Como citar este artigo/How to cite this article

FABIANO JUNIOR, A.A.; PETRELLA, G.M. The landscape of work. *Oculum Ensaios*, v.16, n.1, p.5-19, 2019. <http://dx.doi.org/10.24220/2318-0919v16n1a4369>

O Brasil é o que mais concentra renda no 1% mais rico, sustentando o 3º pior índice de Gini na América Latina e Caribe. Nanquim. 2018.

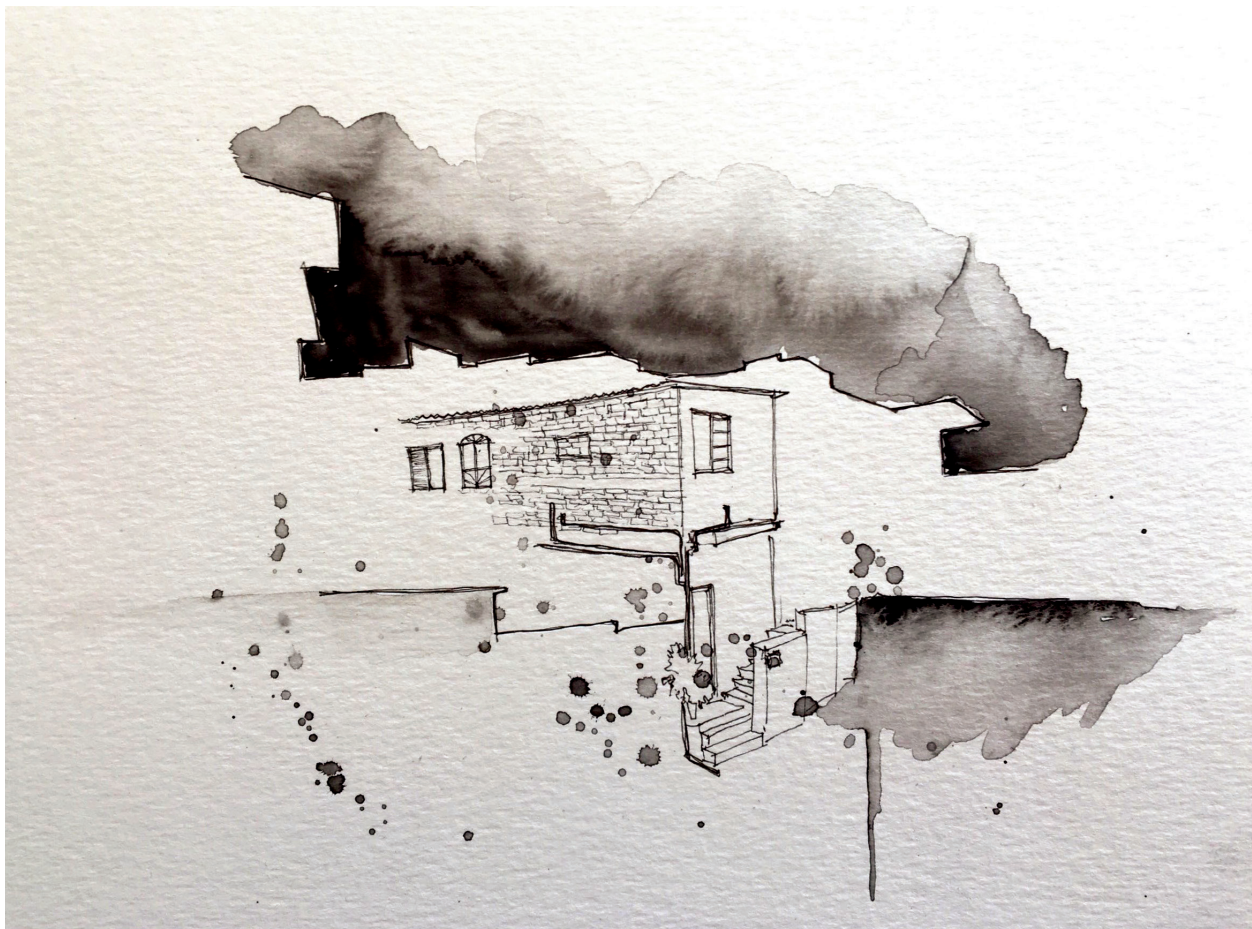
Brazil is the country with the highest income concentration in the 1% richer, and has the 3rd worst Gini index in Latin America and the Caribbean. China ink. 2018.





5 bilionários brasileiros têm mais dinheiro do que a metade mais pobre do país. Nanquim e aquarela. 2018.

5 Brazilian billionaires have more money than the poorest half of the country. China ink and watercolour. 2018.



Enquanto a fortuna dos bilionários cresceu 13% por ano desde 2010, o salário dos trabalhadores aumentou, em média, 2% ao ano. Mais da metade da população global vive com renda entre US\$2 e US\$10 por dia. Nanquim e aquarela. 2018.

While the fortune of billionaires have grown 13% per year since 2010, the salary of workers has increased 2% per year on average. More than half of the global population live with an income between US\$2 and US\$10 per day. China ink and watercolour. 2018.



82% da riqueza mundial gerada em 2017 ficou com 1% da população. Nanquim e aquarela. 2018.

82% of the world wealth generated in 2017 remained with 1% of the population. China ink and watercolour. 2018.



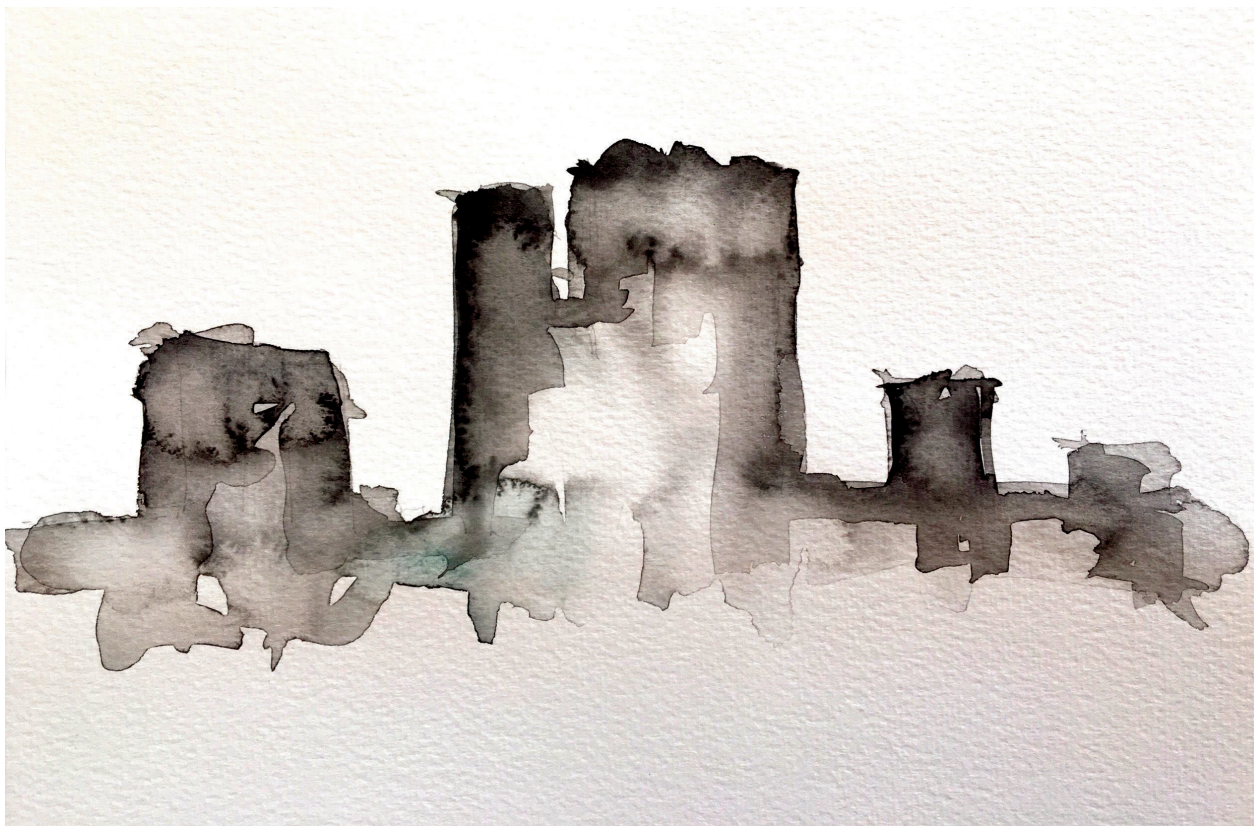
Ao longo dos últimos 25 anos, enquanto o 1% mais rico capturou 27% do crescimento da renda global, a metade mais pobre do mundo ficou com 13% de cada dólar inserido na economia. Nanquim e aquarela. 2018.

Throughout the last 25 years, while the 1% richest have captured 27% of the global income growth, the poorest half of the world kept 13% of each dollar inserted in the economy. China ink and watercolour. 2018.



No Brasil, no início de 2017, mais de 16 milhões de pessoas viviam abaixo da linha da pobreza. Nanquim e aquarela. 2018.

In Brazil, in the beginning of 2017, more than 16 million people lived under the line of poverty. China ink and watercolour. 2018.



Privatizações, corrupção nas compras e contratos públicos, recursos naturais concedidos por valores muito baixos do que seria justo ou isenções fiscais e brechas jurídicas são todos mecanismos pelos quais interesses privados, com relações próximas ao poder público, podem enriquecer à custa do público. Aquarela. 2018.

Privatizations, corruption in public contracts and acquisitions, natural resources granted by values much lower than the fair value, or tax exemptions and legal loopholes are all mechanisms through which private interests with close relations to the public power become richer at the expense of the population. Watercolour. 2018.

Na cidade de São Paulo, 25% de todos os imóveis registrados estão nas mãos de 1% dos proprietários, um total de 22,4 mil pessoas. Aquarela e colagem. 2018.

In the city of São Paulo, 25% of all registered real estate are in the hands of 1% of proprietors, a total of 22,400 people. Watercolour and collage. 2018.

